

## O PROGRAMA DE ARTES E OFÍCIOS

### TRADICIONAIS E A FORMAÇÃO DOS JOVENS

JOÃO MÁRIO CALDEIRA \*

Vai para seis anos que uma equipa de projecto, liderada pelo professor Carlos Laranjo Medeiros, criada sob tutela do Gabinete do Ministro de Educação e com aderência posterior do Ministério do Planeamento e Administração do Território, se vem interessando pelas artes e ofícios tradicionais e pelas antigas formas de vender.

Havia consciência que com a perda dessas actividades económicas da época pré-industrial, alguma coisa de muito importante se perdia pois que, no mundo actual, *"a valorização do trabalho em série, a automação e a robotização, retirando ao homem o controlo do processo produtivo, quebraram os laços de afectividade que frequentemente ligaram o fazedor à coisa feita"*.<sup>(1)</sup>

Neste pressuposto não tinha lógica a preservação estática das artes e ofícios

(com seus utensílios, materiais e produtos) em museus mais ou menos organizados.

Insensato parecia também querer manter vivas e imutáveis actividades que tinham perdido o sustentáculo sócio-económico em que se apoiavam, como que pretendendo ressuscitar ingloriamente mundos perdidos.

Para que as artes e ofícios tradicionais pudessem impor-se como alternativa credível aos frios circuitos económicos da vida actual, havia que lhes dar formas inovadoras de sobrevivência.

As antigas e humanizadas maneiras de fazer e de vender poderiam constituir-se como pólos de dinamização económica das regiões depauperadas, recuperando um património cultural ameaçado, produtor de objectos personalizados

---

\* Director da Escola Nacional de A.O.T. de Serpa

cuja procura se vem acentuando.

Alguma coisa de mais claro foi ganhando forma à medida que se começou a vislumbrar o alcance da ideia. Começou então a acreditar-se que *"as artes e ofícios tradicionais são um motor de desenvolvimento sustentado do nosso país, contribuem para diluir as assimetrias sociais e regionais, dignificam as identidades de cada lugar, permitem preservar os patrimónios construídos e naturais"*.<sup>(2)</sup>

No seio da equipa parecia ser ponto assente que só encarando o passado numa perspectiva de futuro se poderiam dar às antigas maneiras de fazer e às portuguesas formas de atendimento das lojas tradicionais o lugar de merecimento que, se achava, podiam ocupar na vida actual do país.

Adaptar, assim, ao contexto presente as formas pausadas de fabrico e de venda da época pré-industrial em que a mesma mão que produz o objecto acompanha a sua entrega ao comprador, afigurava-se o processo mais correcto de atingir os objectivos.

A implantação da ideia nas Escolas tornou-se inevitável, já que é aí que melhor germina a semente da inovação.

Devia-se, portanto, *"alargar as pontes entre o artesão e o estabelecimento de ensino, levando o jovem a descobrir as raízes da comunidade onde vive, a melhor forma de preservar os patrimónios e as peculiaridades de cada local"*.<sup>(3)</sup>

Para concretizar a acção em meio escolar havia primeiro que indagar sobre tudo que houvesse das artes e ofícios e lojas de tradição do nosso país. Só investigando o assunto, o projecto podia avançar com coerência.

Fez-se assim um levantamento das artes e ofícios tradicionais acompanhado de recolha de informação sobre artesãos, oficinas e especificidades das artes existentes.

Seguiu-se ainda um inquérito aos artesãos, uma pesquisa exaustiva das artes e ofícios tradicionais nas monografias dos diferentes concelhos e o lançamento de um questionário a todos os estabelecimentos de ensino superior para conhecimentos das acções levadas a cabo sobre a matéria.

A esta fase de pesquisa e de recolha de informação sucederam-se as primeiras experiências pedagógicas nas escolas, participando nelas artesãos ainda vivos como forma subsidiária da aprendizagem dos alunos.

O projecto trazia, assim, ao sistema de ensino, em pleno tempo de reforma, novas formas de viver a escola, diversificando métodos e valorizando a capacidade do *"saber fazer"*.

Os alunos começavam a descobrir caminhos que os conduziam ao reconhecimento da sua identidade cultural. Os artesãos sentiam-se compensados ao ver que lhes era reconhecida a importância do seu saber.

Nesse sentido foram integradas nos projectos educativos das Escolas algumas estratégias de actuação que revestiam formas de actividades de complemento curricular, currículo alternativo ou "área-escola".

Da primeira experiência realizada em Serpa numa escola do 1º ciclo, alargou-se a actuação do projecto a uma trintena de experiências em várias escolas do país, abrangendo os três ciclos da escolaridade obrigatória.

Tentava possibilitar-se aos alunos a oportunidade de se sentirem actores da preservação dos antigos saberes, fabricando eles próprios os objectos das artes de suas terras, tornando-se veículos de continuidade de um património em vias de se esboroar.

Parte da filosofia que enformava o projecto das Artes e Ofícios Tradicionais concretizava-se no acto da passagem do testemunho do artesão à escola, estabelecida a simbiose entre o "saber fazer" do mestre de ofício e o saber mais intelectualizado do professor.

Não interessava levar de imediato os alunos a decidirem-se pela escolha de esta ou aquela profissão mas antes pô-los em contacto com a arte dos ofícios, parcela importante da identidade cultural da sua região.

Numa Europa que abafa o nosso "modus vivendi" com o seu poderio tecnológico, massificando hábitos, formas de estar e sentir, é urgente a preservação daquilo que nos individualiza. Aos jovens cabe fundamentalmente esse papel se as escolas souberem convencê-los de como é importante a riqueza patrimonial das

suas terras que, assumida com dignidade, pode levá-los a ser considerados como gente de corpo inteiro e ser apreciados pela diferença.

Numa escola que em grande parte é detestada pelos alunos e que leva pedagogos de renome a afirmar que aborrecer a escola é sintoma de inteligência, não deve ser desprezado o feito terapêutico dos "saberes-fazer" que até podem predispor à aceitação das disciplinas mais áridas do currículo.

Na constante porfia deste caminho, o das Artes e Ofícios Tradicionais ia colhendo dividendos do sonho que há anos acalentava, o que levou ao reconhecimento do seu trabalho pelos órgãos do poder.

A resolução nº 47/92 do Conselho de Ministros, datada de 15 de Outubro, confirma a importância do projecto e alarga a sua dimensão oficial, transformando-o no Programa das Artes e Ofícios Tradicionais com estruturas e meios de maior alcance e operacionalidade. É atribuída ao Ministério da Indústria e Energia a orientação geral das suas actividades, facto que faz supor o reconhecimento das "artes e ofícios" como pólos não desprezáveis do desenvolvimento económico do país.

A referida resolução dota o programa com duas estruturas de cúpula: o Coordenador e o Conselho de Apoio.

Se na primeira dessas estruturas é reconduzido com justiça Carlos Laranjo Medeiros, principal mentor e dinamizador do programa das Artes e Ofícios Tradicionais, no Conselho de Apoio ficam representados seis Ministérios e uma

Secretaria de Estado, o que atesta a importância que o Governo atribui às A.O.T.s..

Acrescente-se ainda que do referido Conselho constam ainda *"até cinco individualidades representando entidades públicas e privadas (...) a designar por despacho do Ministério da Indústria e Energia"* cujo saber acreditado concorrerá para dignificar o Programa e nortear a sua actuação.

Estava, desta forma aprovada em letra de lei, uma estrutura suficiente forte que ia ganhando pés para andar.

No despacho referido reforçava-se a importância das Escolas de Artes e Ofícios Tradicionais cujos alicerces já tinham sido lançados por força da legislação anterior. As escolas A.O.T. pareciam ser peças fundamentais da concretização dos objectivos básicos do programa.

Não pretendiam estas Escolas perpetuar o ritmo das velhas maneiras de fazer e de vender das artes tradicionais, mas aproveitar a mais valia económica, social e cultural que os seus produtos originais adquiriram no presente, para lhes dar formas actualizadas de comercialização.

As escolas, A.O.T. deviam formar jovens capazes de aproveitarem criativamente as virtualidades do antigo fabrico montando pequenas unidades de produção que pudessem atingir nichos qualificados de mercado numa Europa superabastecida de produção industrial.

Chegou-se à conclusão que tudo o que de mais moderno e actualizado for

posto ao serviço deste objectivo melhor poderá alcançar o êxito pretendido.

À qualificação profissional em determinada *"arte"* deveria a Escola conferir uma formação empresarial de alguma solidez de acordo com as exigências de Cursos de nível 3 da C.E.. Embora o repto que é lançado às Escolas se reporte a artes e ofícios milenares, é para a modernidade que se apela. Os produtos saídos de pequenas empresas que venham a ser montadas pelos jovens após a sua formação na escola têm de reproduzir a qualidade tradicional e, se possível, as técnicas personalizadas de vender, mas não devem desprezar as modernas tecnologias e as mais actualizadas técnicas de comercialização de produtos de qualidade.

A ligação dos jovens à região, levando-os a preservar o património e peculiaridade da Comunidade e a respeitar o ambiente no local de trabalho, são objectivos que devem emergir da formação das Escolas A.O.T..

Não se pode, nem deve contudo, cortar aos jovens a possibilidade de voos mais altos de formação. A garantia de poderem prosseguir os seus estudos a nível superior deverá ser bem explicitada junto da população escolar para que ninguém se veja constrangido a quaisquer limitações seja a que pretexto for.

Daí decorrente, cabe aqui referir a importância do tratamento preferencial de entrada nos estabelecimentos de ensino politécnico que devia ser dada aos jovens saídos das escolas A.O.T. e que manifestem essa aspiração.

Protocolos a estabelecer nesse sentido entre as escolas A.O.T. e aqueles estabelecimentos de ensino superior seria uma forma justa de incentivo e de apoio aos jovens que desejem ir mais além na sua formação.

Indispensável parece também o apoio a dar aos formados que queiram aplicar na vida activa os conhecimentos aprendidos. Em regiões de fraca implantação empresarial não podem as Escolas negociar com facilidade para os seus alunos emprego em unidades industriais.

Entretanto a formação empresarial que as escolas incluem com tanto ênfase nos currículos dos seus cursos e cuja responsabilidade pertence ao Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e ao Investimento, aponta para formas mais interessantes de profissionalização dos jovens incentivando-os a criarem pequenas empresas de sua responsabilidade. Esta saída para a vida activa parece ser a que está mais de acordo com a filosofia do programa porque reproduz os antigos ofícios, proporcionando formas modernas e compensadoras de trabalho. A venda de produtos de qualidade ou a prestação de serviços especializados vados da tradição vislumbram-se como ocupações aliciantes nos dias de hoje.

*"Em particular nas zonas mais deprimidas ou interiores, as artes e ofícios poderão potenciar um valor acrescentado indispensável para dar estabilidade económica às populações dessas áreas".* <sup>(4)</sup>

Como apoiar os alunos, nesse sentido, acabada a sua formação?

As Câmaras Municipais, o IAPMEI e outras entidades oficiais (por exemplo o IPAAR e a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e outras) poderão ter uma palavra a dizer nesta matéria. Cabe à Direcção da Escola não descuidar negociações ou candidaturas a programas comunitários como Leader ou Novagri para que o apoio aos futuros artesãos-empresários se concretize, ajudando-os a lançarem-se no complicado mundo das actividades económicas.

*"Se imediatamente após à formação, os artesãos formados tiverem acesso a incentivos e condições que lhes permitam seguir a vida empresarial, terá sido dado um passo importante para, a prazo, se superar o estatuto de "diminuído" que [o artesão] tem na sociedade portuguesa",* <sup>(5)</sup> *instituiu-se de novo, a sua actividade como factor de desenvolvimento harmonioso das regiões.*

Em Serpa está criada a Escola Nacional de Artes e Ofícios Tradicionais, a primeira da vasta região alentejana e a segunda, com a Batalha, a nível nacional. Lançou mão de cursos de fabrico de queijo tradicional (produto que tornou famosa a região) bem assim de cursos de Construção Civil Tradicional (abóbadas, taipas e materiais com base na terra).

Na Batalha procurou-se não deixar morrer a arte da cantaria e a formação a ministrar pela Escola vai nesse sentido.

Estas regiões mereciam estes equipamentos, entre outras, por duas ordens de razões. Porque são centros onde os ofícios perduraram até hoje como activi-

dades cre-ditadas e porque a apetência de desenvolvimento que aí se desenha clama pela instalação de pequenas indústrias não poluentes integradas na cultura regional, cujos produtos deverão conquistar o mercado pela excelência da sua qualidade.

O Programa das Artes e Ofícios Tradicionais e as suas escolas pretendem contribuir para que os saberes-fazer próprios de cada uma das nossas regiões e localidades tornem a ter um modo de vida digno e prestigiado.

Há a esperança que seja também por aí que o sopro e verdadeiro desenvolvimento chegue às regiões mais depauperadas do país.

Quando essa esperança, que já é hoje convicção, se vier a tornar realidade,

talvez a equipa que hoje trabalha no programa das A.O.T. possa descansar com a satisfação do dever cumprido.

## NOTAS

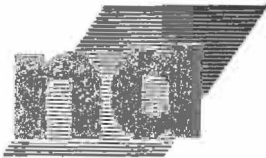
(1) MEDEIROS, Carlos Laranjo, "Artes e Ofícios Tradicionais na Escola", Cadernos 1, pág. 57-1991.

(2) Idem, Conferência de Imprensa na Fundação Luso-Americana em 8/2/93.

(3) Idem, introdução a "Bibliografia das Monografias Locais - I", pág. 11, Fevereiro, 1990.

(4) LOURENÇO, Joaquim; entrevista ao Jornal "Artesãos e Logistas" n°3, Abril, 1993.

(5) Idem.



### **Papeleria e Livraria Nova Académica, Lda.**

.Artigos escritório  
.Desenho  
.Novidades  
.Brindes

#### Agente:

.Papel Sensibilizado  
.Lima Mayer

Av.º Fialho de Almeida, 6  
Telef. 2 59 14

7 8 0 0 B E J A